

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM ALUNO HOMOSSEXUAL: DESVELANDO BARREIRAS

SANTOS, P. P¹, LIMA, S. C.²

¹ Universidade federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – polinha_bg@hotmail.com

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – claudeteslm@gmail.com

RESUMO

Este trabalho busca analisar a trajetória escolar de um aluno homossexual, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Com a metodologia de estudo de caso, tentaremos compreender e entender se houveram tratamentos ou atitudes com o aluno que o colocaram de forma diferente dos demais colegas, seja positiva ou negativamente. Buscando entender como esses tratamentos e possíveis barreiras atitudinais podem interferir ou não na vida escolar do aluno.

Palavras-chave: Vida escolar, barreiras atitudinais, homossexual.

1 INTRODUÇÃO

Falamos muito, hoje em dia, sobre inclusão social e educacional dos alunos. Achamos importante que o assunto seja abordado e tratado diariamente, pois há muito o que melhorar. Percebemos também que a maioria das abordagens, discussões sobre o assunto, tratam de alunos com algum tipo de deficiência física ou mental. Porém, sabemos que os alunos que precisam ser inclusos estão em uma quantidade muito maior, a margem é bem mais extensa do que pensamos. Falamos também de alunos negros, índios, ciganos, gays e de uma infinita linha de marginalizados, ainda hoje, por suas peculiaridades sociais.

. Este trabalho visa analisar o contexto escolar de um aluno homossexual, desde a sua pré-escola até a universidade, com o objetivo de investigar se houveram barreiras na sua trajetória. O aluno estudado é um homem branco de 28 anos, médico veterinário. Sua trajetória escolar foi toda na mesma escola, pública estadual na região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul. Já a trajetória universitária ocorreu em uma universidade privada em Bagé/RS região da campanha. A metodologia utilizada será um estudo de caso descritivo, realizado com depoimentos do próprio aluno. Acreditamos que possa haver posicionamentos diferentes, por parte da comunidade escolar com o aluno P (iremos chamá-lo assim para preservar sua identidade) devido sua orientação sexual. O trabalho se justifica pela necessidade de analisar se essa

diferenciação realmente ocorre e como ela se apresenta. Nosso objetivo é apresentar alguns episódios da vida escolar, do aluno P, buscando identificar barreiras que ele tenha enfrentado no seu processo de escolarização, se houve diferença no tratamento com o mesmo. E como essas atitudes e discursos, interferiram na trajetória escolar e no desempenho do mesmo.

2 METODOLOGIA

Acreditamos que há uma abordagem diferente com nosso aluno devido a sua opção sexual e para saber se isso realmente acontece iremos utilizar a metodologia de estudo de caso, que irá analisar um fenômeno que ocorreu no passado, interligando a entrevista descritiva do sujeito analisado com as teorias estudadas até o momento. O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno (PATTON, 2002). Como nos coloca Gil (2007), um estudo de caso pode ser também uma pesquisa explicativa, que nos coloca hipóteses causais.

Para que isso fosse possível faremos uma análise qualitativa, que segundo Liebscher (1998) é uma abordagem que se faz mais viável em estudos sociais e de difícil quantificação. Achamos mais apropriado usá-la já que iremos analisar e registrar interações pessoais. Nosso interesse não é quantificar a ocorrência dos fatos e sim qualificar as vezes em que ele ocorre e como se apresenta. Nessa abordagem há uma interação dinâmica “entre o mundo real e o sujeito, isto é um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Usaremos entrevistas com o aluno, feitas conjuntamente com a pesquisa no período do segundo semestre de 2018.

Analisaremos então, o comportamento da comunidade escolar, a partir dos relatos descritos pelo aluno P na entrevista efetuada para este trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que pudéssemos analisar o contexto escolar do aluno P, pedimos para que ele descrevesse sua vida escolar e que nos descrevesse alguns episódios, significantes desde os anos iniciais. Pensando em episódios que tivessem ligações com sua orientação sexual, se assim corroborassem.

Ele nos conta que nos anos iniciais se considerava uma criança “normal”, não sabia nada sobre orientação sexual, possuía talvez alguns trejeitos, mas que nunca o

fez questionar se era diferente dos colegas. Observou que as coisas começaram a mudar na terceira e quarta série quando as atividades passaram a ser mais exteriorizadas, segundo ele, porque já havia aula de educação física ou um momento de recreação. Ele nos diz que gostava muito de brincar com as meninas, de pular corda e brincar com as meninas, nunca houve o interesse de brincar com os meninos de futebol. Neste período houve um momento com os colegas que iremos transcrever a descrição da cena feita pelo aluno para que possamos analisar exatamente como a ação ocorreu:

-Foi nessa fase de terceira e quarta série que rolou o lance do cd. E o lance do cd foi mais ou menos assim: Nesta época “bombava” as Chiquititas e foi bem na época em que os cd-players que tocavam cd começaram a virar febre e eu ganhei um da mãe. Nesta mesma fase também de 4ª para 5ª tinha a novela, A Indomada, e o tema de abertura dela era uma música da Débora Blando. E eu acho que eu pedi o cd para mãe e ela me deu. O cd tinha golfinhos na capa, ela mergulhando e flores na superfície. Não é que fosse feminino, mas era um cd que um menino de 9 anos não (pensamento vago)... Sabe... eu não sei por que eu tinha ele. Talvez no intuito de mostrar para os colegas que eu tinha. Ou só de mostrar um presente que eu tinha ganhado eu levei para escola o cd. Mas no auge da minha ingenuidade, porque aquilo para mim, não agredia ninguém. Não foi com a intensão de agredir alguém como “eu tenho o cd e vcs não” ou como “eu tenho um cd, extremamente feminino, e vocês tem que me aceitar”. Na minha cabeça, eu estava levando o cd de um ídolo meu e que não iria causar desconforto em ninguém. E os guris fizeram uma ação tipo “anti gay”, mas naquela época, eu não vejo como a maldade que eu vejo hoje. Talvez não me impôs um trauma, porque não vi nada de maldade, eu vejo como uma atitude inocente, como se eles pensassem: “Ele tá se perdendo, vamos trazer ele de volta”. Não guardo mágoas nem rancor porque não acho que tenha sido algo agressivo. Embora o episódio me si tenha sido um pouco agressivo no todo (pausa), não consigo explicar. Eu acho que foi uma atitude drástica, extremista, mas não foi com intuito de me causar trauma, não sei explicar. (Azevedo, 2018)

Seus colegas, então, entraram em ação:

Fui para o recreio, com meu cd. Não me lembro dos detalhes com muita clareza, na volta para a aula um deles me chamaram e pediram para eu ir no banheiro que ele queria ver meu cd. Quando eu entrei no banheiro tinham outros meninos, não sei te dizer exato, mas eram 6 a 8 meninos. Lembro do rosto de alguns, eles na mesma faixa etária que eu. Os outros já esperavam dentro do banheiro e quando eu cheguei eles disseram que meu cd era para meninas, que eu não podia gostar. Respondi que eu gostava e eles me trancaram dentro das cabines do vaso sanitário, ficaram na volta me espiando e dizendo que eu só sairia dali depois que dissesse que não gostava mais do cd e daquelas músicas. Eu fiquei de pé, afirmando que então não sairia dali porque eu gostava muito e eles não podiam mudar isso, com palavras mais infantis. Não me lembro como acabou o episódio, se os professores nos acharam ou eles cansaram, essa parte se apagou da minha memória. Por isso que eu acho que não foi tão traumático. Acho que sai dali e fui para aula, vida que seguiu. (Azevedo, 2018)

Na descrição desse episódio, perguntei ao aluno P, se ele realmente seguiu da mesma forma na escola, tendo dele a confissão de que começou a se sentir ainda mais deslocado e iniciando um processo de desculpas e falsas dores para ir para casa mais cedo. No próximo ano de escola, houve uma reprovação de ano, porque para se encaixar nas turmas da escola ele fazia de tudo para chamar a atenção dos colegas e acabou deixando os estudos de lado. Houve também um professor que exigia que

ele fizesse atividade “de meninos”, segundo ele, verbalizado com clareza, porque ele queria jogar vôlei com meninas. Todos esses episódios ocorreram nos anos iniciais, ele nem sabia exatamente qual seria sua orientação sexual, nem pensava sobre.

Perguntamos então sobre a universidade, já que mudamos o contexto totalmente. Falamos em pessoas adultas e uma sociedade teoricamente mais evoluída com os temas transversais. Porém, estamos em um contexto de um curso de veterinária, em uma região da campanha onde a cultura é muito machista e homofóbica. Ao nos relatar sobre a graduação, o aluno P nos diz que foi mais tranquilo porque ele já entrou mais discreto e controlando seus trejeitos, já que na maneira de se vestir ele é bem masculino, os colegas nem sabiam a sua orientação sexual. Segundo ele, ele os respeitou e foi respeitado, essas foram suas palavras. Percebemos ao longo da vida escolar do aluno, principalmente barreiras atitudinais, que segundo Tavares (2013) essas barreiras são atitudes que carregam sentimentos discriminatórios, como excluir a pessoa ou fazer restrições em questão a ela. Dentro das possibilidades de barreiras atitudinais que percebemos acontecer com o aluno P, esta, por exemplo, a de adjetivação, que seria classificá-lo como “o gay”, dentre muitas outras. Acreditamos que o que o aluno sofreu durante sua vida escolar nos primeiros anos, acaba o fazendo acreditar que ele precisa controlar suas atitudes e maneira de ser para poder ser aceito. Está claro o quanto ele mudou de postura e isso é um reflexo de tudo que ele passou lá atrás, todas as barreiras atitudinais que apareceram ao longo do fundamental o levaram a mudar o comportamento, tentando ser aceito e talvez lhe trazendo graves bloqueios inclusive na liberdade de expressão para os assuntos do conteúdo escolar. Já que sabemos que quando nos sentimos retraídos, de alguma forma, não conseguimos ter a mesma liberdade para discussões e conversas em grupo.

4 CONCLUSÃO

Considerando a entrevista dada pelo aluno investigado, acredito que conseguimos apontar muitas barreiras durante sua vida escolar pela sua forma de ser, das quais as principais foram as atitudinais, como a rejeição, adjetivação e estereótipos. Primeiramente com o relato do cd, fora trancado por colegas no banheiro da escola por gostar de determinada música, sendo ressaltado que aquilo não podia ser gosto de menino. Possivelmente isso não aconteceria se uma menina tivesse

levado o cd para a escola. Em seguida é tratado de forma rude por um professor por não gostar de jogar futebol e sim vôlei. Concordamos que é importante incentivar os esportes na escola, mas jamais por serem separados por gênero. Acredito que a reprovação do nosso aluno pode ter sido sim, consequência dessas atitudes que os colegas e o professor tiveram com ele. Já que ele mesmo, admite ter se ausentado um pouco dos estudos por estar tentando chamar atenção dos colegas, sendo assim talvez aceito naqueles grupos. Acredito que com esse relato temos claramente a descrição da barreira atitudinal de rejeição descrita por Tavares (2013), é o uso de rótulos ou de atributos depreciativos em função da deficiência, neste caso, do seu comportamento mais afeminado do que o esperado para um menino. Já que ele não se encaixava nos padrões do gênero esperado, temos também, uma barreira de estereótipos onde só meninos/meninas podem fazer determinadas atividades.

Percebo que esse contexto acabou criando uma, “auto barreira” no aluno, quando ele nos conta que chegou na faculdade e controlava seus trejeitos para respeitar e ser respeitado é uma forma muito clara de ver que isso o afetou, o contexto todo e a sociedade. Porque não precisamos nos “segurar” para sermos aceitos se a nossa maneira singular de ser não afeta em nada o próximo. Porque um aluno homossexual precisa ser discreto com seus trejeitos se isso não afeta a ninguém? Até quando teremos essa mentalidade de oprimir o outro, de que o outros por algum motivo possa ser menos que nós que somos brancos, héteros e estamos no “molde” da sociedade? Precisamos repensar nossas atitudes diárias, nosso comportamento com o outro e como no caso do nosso aluno, conosco também. Porque eu preciso segurar alguma forma de expressão que faz parte do meu eu para não impactar o outro? Não precisamos, precisamos de mudança e respeito.

REFERÊNCIAS

- FREITAS, W.R.S; JABBOUR, C.J.C. Utilizando um estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: Boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**. Lajeado, v.18, n. 2, p. 7-22, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- PATTON, M. G. *Qualitative Research and Evaluation Methods*, 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- TAVARES, Fabiana. Barreiras atitudinais e a recepção da pessoa com deficiência. In: **Livro de acessibilidade**. 2013, p. 22-31